

Crise expulsa asiáticos

Os reflexos da crise asiática atravessou os continentes e chegou ao Brasil atingindo inclusive a educação dos filhos de executivos orientais que estão no País. Enquanto a colônia coreana crescia, eles engordavam as listas de matriculados em escolas estrangeiras, como as americanas, no Brasil.

Com a crise, veio junto a retirada dos estudantes descendentes de países asiáticos das instituições de ensino internacional. De acordo com a diretora de Admissão da Associação Escola Graduada de São Paulo (Graded School), Heidi Gonçalves, o número de estudantes filhos de executivos expatriados da Ásia estava crescendo até o ano passado. "A partir de então, começaram as saídas", afirma.

Alguns retornaram ao país de origem, mas quem permaneceu aqui está desenvolvendo novas opções de ensino mais baratas. Afinal, as mensalidades em escolas como a Graded School chegam a R\$ 1,9 mil.

Uma das colônias asiáticas que busca soluções para a "crise" educacional dos filhos dos expatriados é a coreana. De acordo com o assessor da área cultural do Consulado da Coreia em São Paulo, Jorge Noh, muitos procuram ensi-

no junto a igrejas coreanas evangélicas. "Os custos são bem mais baixos", diz.

Outra alternativa está na criação de novos estabelecimentos. É o caso da Escola Coreana Polilogos. Na verdade, a instituição já existe há dez anos, mas apenas para ensino da língua coreana e para permanência de crianças em período de trabalho dos pais. Localizada no bairro de Bom Retiro, onde há uma grande concentração da colônia, agora a escola conseguiu autorização do Ministério da Educação para atuar no ensino de prescolar, primeiro e segundo grau.

"A escola será aberta também aos brasileiros, mas terá a opção do ensino da língua coreana e o diploma também será reconhecido pelo governo da Coreia", afirma Maria Teresa Costa, diretora da escola. Brasileira, Maria Teresa, que ainda não fala a língua dos futuros alunos, acredita que o projeto é uma boa oportunidade para aumentar a integração da colônia com os brasileiros. A previsão é de que, nos primeiros dois anos, sejam criadas 400 vagas, mas ao final da implementação da escola, a expectativa é a de atender a mais 1,5 mil estudantes.

(A.H.)